



PLANTAS MEDICINAIS E SABERES POPULARES NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PARINTINS-AM

MARTINS, Gleice Franco. **Plantas medicinais e saberes populares na educação ambiental em uma escola municipal de Parintins- AM**. Florianópolis: Id Acadêmico, 2025.

RESUMO

A utilização das plantas medicinais na escola é um tema transversal e interdisciplinar que rompe com a realidade linear dos conteúdos escolares determinados, buscando assim considerar os saberes empíricos que os alunos trazem do seu convívio familiar. Nesse sentido, esta produção tem por objetivo refletir sobre a utilização das plantas medicinais como estratégia para resgatar os saberes populares a partir da educação ambiental em uma escola Municipal de Parintins/AM. Trazemos uma pesquisa de abordagem qualitativa com a coleta de dados através da observação participante. O local da pesquisa é uma escola da rede Municipal da Cidade de Parintins/AM e os sujeitos são 54 alunos das séries de 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental I. Nos resultados apontamos as observações que dão ênfase na participação dos sujeitos, na construção de um conhecimento significativo e dinâmico que envolve as questões cotidianas. O fato de cultivarem na escola e pesquisarem a utilização das plantas medicinais desencadeou uma compreensão mais ampla sobre a cultura e o meio ambiente, onde a escola está posta, pois a alternativa terapêutica com as ervas medicinais, ainda é muito presente na comunidade local e a sua exploração implicou na curiosidade dos estudantes, ocasionando um diálogo entre o saber popular e o conhecimento científico. Portanto, buscar resgatar os saberes populares a partir de uma temática ligada ao cotidiano dos estudantes, implica em uma prática docente que considera as questões socioculturais da localidade em uma perspectiva reflexiva, coletiva e crítica.

Palavras-chave: plantas medicinais; saber popular; educação ambiental.

SUMMARY

The use of medicinal plants at school is a cross-cutting and interdisciplinary theme that breaks with the linear reality of determined school content, thus seeking to consider the empirical knowledge that students bring from their family life. In this sense, this production aims to reflect on the use of medicinal plants as a strategy to rescue popular knowledge from environmental education in a municipal school in Parintins / AM. We bring a research of qualitative approach with the collection of data through the participant observation. The research site is a school in the Municipal network of the City of Parintins / AM and the subjects are 54 students from the 1st to the 3rd year of Elementary School I. In the results, we point out the observations that emphasize the participation of the subjects, in the construction of meaningful and dynamic knowledge that involves everyday issues. The fact that they cultivate at school and research the use of medicinal plants has triggered a broader understanding of culture and the environment, where the school is located, as the therapeutic alternative with medicinal herbs is still very present in the local community and the its exploration implied the students' curiosity, causing a dialogue between popular knowledge and scientific knowledge. Therefore, seeking to rescue popular sabers from a theme linked to the students' daily lives, implies a teaching practice that considers the socio-cultural issues of the locality in a reflexive, collective and critical perspective.

Keywords: medicinal plants; popular saber; environmental education.

INTRODUÇÃO

A ideia de buscar novas estratégias de ensino se dá pela necessidade de uma ação docente interdisciplinar e articulada à ciência, visando à contextualização dos conteúdos vinculados aos saberes cotidianos dos estudantes, pois são conhecimentos ensinados pelas famílias na lógica de preservar os costumes populares e a relação com a natureza. Para tanto, pensamos em uma experiência pedagógica através do tema: Plantas medicinais e saberes populares na Educação Ambiental em uma escola municipal de Parintins-AM, em busca de refletir sobre o trabalho docente e a formação do pensamento crítico dos estudantes, frente às questões que envolvem o meio ambiente.

A socialização das experiências trazidas de casa foge das atividades rotineiras e tediosas, para uma estratégia mais significativa. Neste sentido, o objetivo desta produção visou refletir sobre a utilização das plantas medicinais como estratégia para resgatar os saberes populares a partir da Educação Ambiental em uma escola Municipal de Parintins/AM, através de um estudo de abordagem qualitativa, por meio da observação participante e entrevista coletiva com os estudantes do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental. Para a leitura dos dados utilizamos a Análise de Conteúdos com a finalidade de contextualizar as subjetividades em relação aos conhecimentos construídos no âmbito familiar.

Ao longo desta produção será apresentado o percurso metodológico; uma breve abordagem bibliográfica referente às categorias em estudo, visto que, são leitura que foram corroborando com a reflexão e a realização das ações educativas no decorrer desta construção. Por conseguinte serão postos os resultados construídos por meio das experiências com os estudantes. Por fim, evidenciaremos as nossas considerações parciais, por entender que a reflexão docente não é um processo acabado, mas sim uma prática em movimento, por isso não evidenciaremos uma consideração final.

Em síntese, justificamos a relevância deste estudo, por trazer para a sala de aula discussões sobre uma temática que representa os saberes populares, utilizados como alternativas para resolução de problemas do dia a dia dos sujeitos. A

propriedade da abordagem sobre as plantas medicinais na Educação Ambiental, motivada pela curiosidade e espontaneidade dos estudantes, pode determinar a articulação entre os aspectos empíricos e científicos. Isso é fundamental para o desenvolvimento das habilidades reflexivas e questionadoras, além de reafirmar a relação entre família, escola e o meio natural.

PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico encontra-se pautado em uma abordagem qualitativa, porque buscamos considerar os aspectos subjetivos que os sujeitos expressam sobre as questões culturais que envolvem as plantas medicinais. Essa é uma forma de romper com as ideias fragmentadas que perpassam o ensino, a pesquisa e a reflexão docente.

Nesta direção, Chizzotti (2006) evidencia que a pesquisa qualitativa não está limitada a um conhecimento isolado, é uma construção de saberes articulados às demandas de um contexto composto por subjetividades, que representam os significados das suas relações nos espaços de criação e recriação. Os sujeitos são 54 estudantes do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental I; o local da pesquisa é uma escola da Rede Municipal que atende do 1º ao 5º ano, localizada em uma área periférica, em Parintins, no Estado do Amazonas AM.

A coleta dos dados ocorreu através da observação participante, em razão da possibilidade de interagir com os sujeitos no campo da pesquisa, para vivenciar as impressões manifestadas sobre o objeto em estudo. Essa dinâmica metodológica permite a observação e as indagações das situações peculiares dos indivíduos (Chizzotti, 2006). Nesse contexto de vivências construímos diálogos com os estudantes para entender as suas subjetividades, acerca do assunto explorado e também para refletir sobre o nosso trabalho docente e, sobretudo, para entender de que forma podemos contemplar um ensino que seja significativo para essas crianças.

Desse modo, as interpretações dos dados foram com base na Análise de Conteúdo, em vista de contemplar as expressões subjetivas dos sujeitos acerca de

determinados assuntos. Segundo Chizzotti (2006), esta é uma técnica que busca a compreensão das manifestações, dos sentidos e as significações implícitas em uma perspectiva científica.

PLANTAS MEDICINAIS: O SABER POPULAR NO PROCESSO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Antes de abordarmos sobre a Educação Ambiental, precisamos compreendê-la como uma Educação Política, pois é um movimento que prepara os cidadãos para a busca da justiça social, cidadania nacional e também planetária (Reigota, 2001). Nessa perspectiva, desde a década de 70 as questões sobre o Meio Ambiente vieram ganhando destaques por meio dos diversos movimentos ambientalistas, em razão da exacerbada degradação do meio natural.

É importante frisar que estes problemas são resultados das Guerras e da Revolução Industrial, que desde o século XIX acelerou os problemas sociais através de uma lógica capitalista. Diante dessa realidade foi inserido gradativamente no âmbito educacional o Ensino de Ciências (Krasilchic, 2000). Dentre as mudanças educacionais foram acrescentadas outras possibilidades educativas, como a Educação Ambiental.

Dito isso, somente na década de 80 com o fim do Regime Militar foi possível à efetivação das Políticas Nacionais, desde então, iniciaram as abordagens sobre a Educação Ambiental, em um aspecto mais voltado para as soluções dos problemas que afetavam o patrimônio natural e o contexto social, sobretudo para as demandas que impedisse o desenvolvimento do país (Loureiro, 2006).

Aos poucos essas preocupações foram fazendo parte do contexto escolar e ao longo desse trajeto foram tomando outras dimensões, pois a partir da implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96. Na mesma época da implementação dessa lei, na década de 90 emergiram também os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's e a Educação Ambiental foi inserida no Ensino Básico em uma perspectiva transversal. Isto é, por meio do tema Meio Ambiente, os

problemas sociais passariam a vincular a realidade dos estudantes aos conteúdos escolares (Brasil, 1998).

Atualmente a Base Nacional Comum Curricular, dá seguimento a essas orientações que põe em pauta as reflexões e o planejamento de um ensino articulado aos aspectos do dia a dia dos sujeitos, não só voltado para os problemas ambientais, mas também para a abordagem cultural, pois esses elementos estão articulados socialmente. Contudo, este não é um movimento tão fácil, é necessário um esforço que nos leve a um percurso de buscas e compreensões desde as Leis que conduzem o ensino, assim como as relações que se constroem no espaço escolar.

Diante dessas reflexões, uma das questões que pode ser abordada nas salas de aula são as plantas medicinais por constarem na realidade dos estudantes. Essa temática tem se tornado relevante no ensino, por fazer parte da nossa cultura, portanto, representa a nossa história. No Brasil essa alternativa é oriunda dos costumes indígenas, os pajés possuíam propriedade de conhecimento sobre essas ervas e os europeus ajudaram na disseminação desta prática tradicional.

Quando o país era colônia de Portugal, os médicos restringiam-se em atender as metrópoles e com isso a população periférica e rural ficou desassistida, sendo que a alternativa para essas populações foi buscar a cura através da medicina tradicional (Neto; Caetano, 2005). Falamos de uma lógica que ainda perpassa a realidade de muitos sujeitos até os dias atuais, pois além de ser a representação da cultura popular do povo brasileiro, é um meio barato, assim como uma fonte econômica para muitos cidadãos que se dedicam no cultivo e na comercialização do produto natural.

Nesta direção, a nossa história constituiu-se de uma cultura marcada pelo uso das plantas medicinais, desde os primeiros habitantes e foi sendo repassada de geração a geração até a atualidade. É pertinente destacar que, as relações entre os fenômenos que envolvem a crença e a natureza fundamentam-se no saber popular, podendo ser articulado ao campo científico.

Desse modo, ratificar as pesquisas que envolvem a Educação Ambiental na perspectiva da valorização dos conhecimentos sobre as ervas medicinais, podem contribuir com a preservação da cultura em uma lógica científica. (Júnior; Vargas, 2014). É importante que a Ciência vá além das descobertas dos produtos laboratoriais,

no sentido de tentar resgatar o saber popular, que faz parte do contexto histórico e também promove benefícios ao homem.

A exploração dessa temática nas salas de aula apontam diferentes possibilidades de ensino que podem contribuir com uma aprendizagem crítica desde a infância, visto que, essas ações trazem as percepções do cotidiano local. A produção das plantas medicinais é de fácil acesso no dia a dia dos estudantes, pois o cultivo e consumo desses elementos naturais substituem os produtos fármacos. Nessa direção, a socialização desses saberes também pode ser utilizada nas diferentes áreas de ensino para a produção do conhecimento científico.

Vygotsky, (2007) destaca que a interação entre os sujeitos e o seu meio, resulta em uma aprendizagem que contribui com o desenvolvimento cognitivo das crianças, a partir da internalização das ações do dia a dia. Quando buscamos refletir sobre um planejamento docente que seja interdisciplinar e que contemple as questões sociais e culturais dos estudantes, nos posicionamos na condição de ensinar e aprender, pois a partir das experiências práticas emergem diferentes subjetividades e isso implica em um aprendizado que pode atender a perspectiva sociocultural da comunidade escolar.

Cahapuz (2004) evidencia que a aprendizagem precisa está relacionada à realidade dos sujeitos, ou seja, utilizar as experiências empíricas como ponto de partida no processo da aprendizagem, é fundamental e útil à perspectiva dos estudantes. Esta é uma dinâmica que busca envolver nas atividades escolares, as expressões culturais e sociais dos sujeitos, é uma forma de valorização e ampliação dos primeiros saberes que foram constituídos por meio das crenças e dos costumes, oriundos da relação do homem entre si e com a natureza.

Convém frisar que, desde o princípio possuímos uma relação dependente com a natureza, seja no campo ou na cidade, pois é do contexto natural que retiramos os elementos para suprir as nossas necessidades diárias. Contudo, a ganância humana extrapolou essa necessidade levando à exploração desgovernada dos recursos naturais, esta é uma atitude que também precisa ser superada para a preservação das outras gerações.

Entendemos que a organização da prática pedagógica que contemple a lógica dos estudantes, é um movimento que pode ir além da questão de resgatar os saberes populares de uma localidade, pois, também está ligada à sensibilização da preservação dos recursos naturais. Os povos mais antigos advertiam que o gerenciamento medíocre desses recursos poderia ocasionar sérios prejuízos para a humanidade. (McCormick, 1992).

Desse modo, a exploração dos recursos naturais vem se tornando alvo de estudos desde antiguidade e após a Revolução Industrial, essas buscas por alternativas, ou estudos que pudessem minimizar, a acelerada degradação do meio ambiente tiveram mais ênfase. A escola passou a ser um meio para uma tentativa de redução dessa problemática, com isso passaram a ser abordadas as temáticas, envolvendo no ensino os recursos ambientais, assim como os problemas sociais.

Dentre os recursos naturais, estão as essas ervas medicinais que simbolizam um elo harmonioso entre o homem e a natureza, porque são cultivadas nos quintais das casas como mecanismo para a resolução de diferentes problemas cotidianos. A exploração desse elemento natural no contexto dos conteúdos escolares, não implica na substituição de conhecimentos e sim no reconhecimento de um saber, em uma perspectiva diferente. Para Costa (2008), este é um movimento que utiliza um conhecimento, para a visualização de uma nova concepção trazida pelos estudantes em uma lógica científica.

Portanto, as abordagens referentes às plantas medicinais na escola, sobretudo nas séries iniciais, não se limitam somente às pesquisas das receitas de remédios caseiros, ou em meros desenhos e colagem das folhas, pois envolvem o contexto ambiental e cultural no sentido do cultivo, no conhecimento de suas funções, inclusive, na sensibilização para conservação do meio e da tradição. Uma prática docente pautada nessa lógica de ensino pode promover experiências práticas e teóricas que contribuam com a superação de uma ação docente mecânica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta produção buscou refletir sobre a prática docente por meio da utilização das plantas medicinais, em vista de resgatar os saberes populares a partir da Educação Ambiental, devido à necessidade de um fazer docente interdisciplinar, que busca vincular os conteúdos escolares à realidade dos estudantes. Para tanto, por meio dos saberes que envolvem as plantas medicinais, buscamos promover atividades que implicassem na articulação dos diferentes conhecimentos.

A primeira questão foi utilizar o âmbito da Horta existente na Escola para a contextualização do ensino, é importante dizer que este movimento da Horta escolar foi uma construção resultante de trabalhos educativos anteriores, a partir de ações que implicaram no envolvimento de funcionários, pais e estudantes. Desse modo, aproveitamos esse espaço para trabalhar a alfabetização dos pequenos, no sentido de reafirmar o trabalho que a escola vem fazendo junto à comunidade.

O nosso ponto de partida foi à abordagem das ervas medicinais nas aulas de Educação Ambiental, onde passamos a explorar os conhecimentos que os estudantes aprenderam com seus pais e avós. Uma situação pertinente nesta dinâmica, refere-se à espontaneidade de participação dos estudantes, pois se mostravam à vontade para relatar as suas experiências cotidianas.

Percebemos a importância de abordar sobre a cultura dos estudantes na sala de aula, pois o processo dessa construção contemplou diferentes questionamentos que surgiam espontaneamente. Tanto os diálogos, quantas as atividades práticas, configuram-se como uma dinâmica representativa, porque as peculiaridades dos atores foram consideradas. Por meio da curiosidade dos estudantes, aos poucos foram sendo socializados os saberes populares, que não representaram somente o ato de resgatar o aspecto cultural, propiciou também, um aprendizado significativo e crítico.

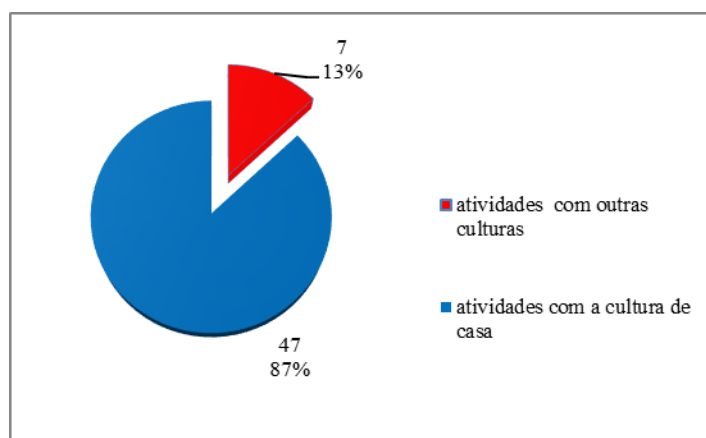
Segundo Arroyo, (2012) a cultura é o ato que conduz a construção dos hábitos que são preservados e repassados de uma geração à outra e quando esses conhecimentos empíricos são ampliados na escola, pode possibilitar aos sujeitos um

aprendizado que promova o pensamento problematizador e reflexivo. A partir da construção dos dados entendemos que as necessidades das crianças estavam além da sala de aula, o que implicou em atividades ao redor da escola, por exemplo, a exploração das plantas medicinais.

Esse movimento expandiu-se para outras dimensões que foram postas no momento dos diálogos, como a importância da coleta de lixo na horta da escola e ao redor da instituição, a classificação dos resíduos sólidos, assim com a noção da produção de compostagem. Essas são questões que foram construídas a partir dos relatos dos sujeitos, em vista de contribuir com a manutenção do meio natural. A cada atividade explorava-se de forma teórica e prática a importância do ambiente e das possibilidades que ele nos proporciona.

Neste percurso as crianças relataram suas experiências familiares, apontando a importância da flora para o ser humano, assim como o seu ponto de vista sobre a preservação da natureza. Na figura nº 01, apresentamos um gráfico que representa a preferência desses estudantes, no que diz respeito ao tipo de assuntos que mais gostam de participar na sala de aula, se é a exploração de outras culturas impressas nos livros didáticos, ou das questões do seu cotidiano.

Figura N 01: Atividade de ensino preferida



Fonte: Souza (2018)

Dentre os questionamentos, essa questão chamou mais atenção, pois a partir das vozes das crianças, percebemos que essa preferência se deu pela variação e diferenciação da rotina escolar proporcionada a elas. A cada atividade, até mesmo as escritas, sempre era antecedida de histórias trazidas de casa. Observamos que todos

tinham propriedades, ao falarem dos tipos de ervas que possuíam em suas casas, assim como a função de cada uma. Esse tipo de abordagem os levou ao conhecimento de que as plantas possuem nomes científicos.

Em síntese, a partir dessa lógica de estudo percebemos mais êxito na aprendizagem dos estudantes, na desenvoltura oral, escrita e nos questionamentos, assim com um comprometimento, na maneira como formulavam problemas e buscavam respostas, pois as entrevistas que levavam para casa, resultaram em um retorno com o ensejo da socialização oral. Entendemos essa atitude como um sentimento de pertencimento, em relação às questões do cotidiano e uma participação mais ampla nas atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas experiências realizadas neste processo de construção, observamos que a inclusão dos estudos sobre as plantas medicinais nas aulas da Educação Ambiental, possibilitaram uma prática docente interdisciplinar e problematizadora, a partir da articulação dos conteúdos escolares à uma cultura muito presente na população do Município de Parintins. Refletimos que este pode ser um caminho de possibilidades que precisa sair do contexto escrito, para as práticas pedagógicas nas salas de aula.

A exploração da temática sobre as plantas medicinais, desde as primeiras séries pode corroborar com a formação de uma sociedade que busca fazer uma leitura crítica sobre a sua própria realidade, esta é uma forma de entendermos as transformações sociais, históricas, culturais e econômicas. Para tanto, o saber popular precisa ser resgatado nas salas de aula, porque busca desvelar as nossas raízes históricas nos aproximando da natureza e do outro, em uma perspectiva de pensamento coletivo, crítico e reflexivo.

Destacamos que os conhecimentos populares estão presentes na história dos idosos, na vida dos caboclos e dos indígenas, sendo que a união desses saberes ao campo científico, resulta na produção de informações que podem auxiliar os futuros

cidadãos, no sentido de conhecerem e preservarem as espécies vegetais, e a cultura brasileira.

Em síntese, convém destacar que, essa produção foi uma trajetória de aprendizado docente, que contribuiu com o entendimento de que o trabalho pedagógico precisa estar alinhado à cultura da comunidade escolar, em vista de proporcionar aos estudantes um ensino significativo, que busca problematizar as questões socioculturais do dia a dia. Por outro lado, é um caminho que também pode corroborar, com outros estudos que buscam valorizar os saberes locais dos estudantes como parte integrante do ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): Temas Transversais**. Brasília (BRASIL): MEC, 1998.

CACHAPUZ, A.; PRAIA, J.; JORGE, M. **Da Educação em Ciências às orientações para o Ensino de Ciências: um repensar epistemológico**. Ciência e Educação, v. 10, n. 3, 2004.

COSTA, Ronaldo Gonçalves de Andrade Costa. **Os saberes populares da etnociência no ensino das ciências naturais: uma proposta didática para aprendizagem significativa**. **Revista Didática Sistêmica**, ISSN 1809-3108, Volume 8, julho a dezembro de 2008.

Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/1303/581>> Data de acesso: 15/02/2021.

JÚNIOR, Ailton José Vinholi; VARGAS, Icléia Albuquerque de. **Saberes tradicionais sobre plantas medicinais: interfaces com o ensino da botânica**. Imagens da Educação, v.4, n.3, p. 37-48, 2014.

Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/25739>> Data de acesso: 15/02/2021.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajетória e Fundamentos da Educação Ambiental**. 2.^a ed. São Paulo: Cortez, 2006.

McCORMICK, John. **Rumo ao paraíso: a história do movimento ambientalista**. Rio de Janeiro: Relume - Dumará, 1992.

NETO, Pedro Accioly de Sá; Luiz Carlos Caetano. **Plantas medicinais: do popular ao científico**, ed. UFAL, Maceió, Estado de Alagoas, 2005.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental?** São Paulo: Brasiliense, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**. 7a ed. São Paulo: Paulo: Martins Fontes, 2007.